

#075 | 8 de outubro de 2023

Análises de Cenários, Ensaio, Tendências

A VÍRGULA

Para não errar na interpretação dos fatos políticos

#075

CARIACICA: ELEIÇÃO PARA ALÉM DOS LIMITES DA CIDADE

Disputa no ano que vem pode ser prenúncio da campanha eleitoral para o Governo do Estado; prefeito Euclério Sampaio conseguiu reunir em seu entorno quase toda a oposição de três anos atrás, à exceção do PT.

ELEIÇÕES ARGENTINAS

A exemplo de Bolsonaro em 2018, ultradireitista Javier Milei faz discurso que argentino quer ouvir
Pág. 5

ENTREVISTA EXCLUSIVA

Cientista político argentino Eduardo Rivas sentencia para **A Vírgula**: "Milei canaliza o voto raivoso"
Pág. 8

CARIACICA: ELEIÇÃO PARA ALÉM DOS LIMITES DA CIDADE

Cariacica é o patinho feio da Grande Vitória. Essa não é uma alcunha dada por **A Vírgula**; são os próprios moradores da cidade que a consideram assim. Uma pesquisa qualitativa feita no município, e à qual este boletim teve acesso, revela que o sonho imediato do cariaticuense é estruturar-se aos moldes da vizinha Viana: organizada, com oportunidades de emprego e grandes indústrias. Mas o sonho dourado de Cariacica é ser a Serra.

A gestão de Helder Salomão (PT), de 2004 a 2012, fez muito do que a cidade desejava, tanto que a popularidade do petista ajudou a levar Célia Tavares (PT), que havia iniciado a disputa pontuando 3% nas pesquisas, ao segundo turno na última eleição contra Euclério Sampaio (União Brasil), hoje prefeito. Euclério tem dado à cidade um pouco da dignidade que ela anseia. A avaliação dos moradores é de que o município melhorou.

A verdade é que entre os mandatos de Helder e Euclério houve uma gestão muito frágil, capitaneada pelo ex-prefeito Juninho (Cidadania), que deixou a prefeitura, no fim de 2020, com uma avaliação positiva de apenas 2%, segundo pesquisa de consumo interno a que este **A Vírgula** também teve acesso à época. A decepção do eleitor com um trágico mandato anterior ajuda a catapultar o sucessor, e o atual prefeito de certa forma também se beneficia desse sentimento de otimismo.

CARIACICA: ELEIÇÃO PARA ALÉM DOS LIMITES DA CIDADE

Euclério tem conseguido algo inédito na política cariaciquense: unir todas as vozes de oposição em torno de sua administração. Adversários que mais pontuaram na última eleição, Sandro Locutor (Cidadania), Marcos Bruno (Rede) e Tenente Assis (PTB) orbitam em torno do atual prefeito, que, a quem quiser escutar, diz que só não fará alianças com o PT. Com uma gestão bem-avaliada pela população e um rol de ex-adversários agora aliados, a eleição fica cada vez mais fácil para Euclério, que passa a ter outro desafio, no entanto.

Ex-deputado estadual por cinco mandatos, Euclério deseja voos mais altos: quer ser senador ou governador, sendo esta última posição a que mais lhe brilha os olhos no momento. Para isso, além de uma gestão bem-avaliada e de aglutinar ex-concorrentes, vai precisar se apresentar para fora dos limites do município e de sua atuação como prefeito. Terá, possivelmente, a ajuda desses atores políticos que hoje se unem a ele.

No *front* da disputa eleitoral do ano que vem, por ora, só aparece o PT. Dado o atual cenário e caso ele se mantenha, seria algo como “todos contra o PT”, quando o natural seria “todos contra o prefeito”, em um claro movimento de oposição contra quem ocupa a cadeira de gestor.

O PT deseja também algo para além das eleições municipais de 2024. Cariacica é um território forte para o partido, que tem na figura de Helder sua maior estrela

CARIACICA: ELEIÇÃO PARA ALÉM DOS LIMITES DA CIDADE

na cidade. Em todos os Estados do país, o PT deve ir para a disputa com candidatos próprios ou apoiando grandes *players*; em alguns momentos, deve entrar de forma competitiva e, em outros, para marcar posição, aproveitando-se de uma eventual popularidade do Governo Federal no ano que vem. No bastidor, comenta-se uma possível candidatura de Salomão a governador.

O Partido do presidente Lula deve ter candidatos ao governo na maior parte dos Estados em 2026. Portanto, uma candidatura do partido no ano que vem, na cidade de Salomão, torna-se mais do que necessária, até para que sirva de palanque prévio para o hoje deputado federal.

Diante de uma eventual candidatura de Helder ao governo e de um desejo de Euclério de disputar o mesmo cargo, talvez na mesma eleição, a medição de forças políticas na campanha eleitoral do ano que vem pode se revelar ainda mais tensa.

Em maio deste ano, pesquisa do instituto Perfil divulgada pelo jornal ES Hoje revelou que a gestão de Euclério Sampaio é aprovada por 90% dos eleitores de Cariacica. Em entrevista ao jornal, um morador de Alto Laje chegou a elogiar: "Impossível não reconhecer as melhorias na cidade". É desse ponto de partida que começa a disputa que transcende a eleição municipal do ano que vem.

Força raivosa de Javier Milei excita Argentina



Força raivosa de Javier Milei excita Argentina

Em 21 de abril de 2023 este **A Vírgula** adiantava o fenômeno que excita hoje a Argentina e repercute em outros cantos do país, como no Brasil: Javier Milei, o El Peluca, ex-jogador de futebol, boquirroto, que já teve cabeleira roxa, é vocalista de uma banda cover de Rolling Stones, entre outras habilidades e adjetivos, pode ser eleito presidente do país de Lionel Messi.

O ultradireitista venceu as primárias em agosto, ao superar as duas principais forças do país: recebeu 29,8% dos votos, contra 28% da coalizão de oposição Juntos por el Cambio; e 27,3% da aliança peronista e governista União pela Pátria – foi o pior desempenho do movimento desde que as eleições primárias foram implementadas, há 12 anos.

Com a vitória, o fenômeno Milei cresceu, com direito a grupos organizados da Geração Z que pensam todos os dias em como fazer El Peluca viralizar e disseminar seu status raivoso por terras argentinas – é claro que o continente digital não ficaria de fora da empreitada.

Nas telas sociais, o candidato aparece com motosserras presenteadas por fãs, as quais representam o corte de gastos; luvas de boxes ao som de Rocky Balboa; jaqueta de couro; simulações de posse presidencial e muito mais.

Mas afinal de contas: Javier Milei é representante influente da extrema-direita, esta que bradou (e ainda brada) pelo país e pelo mundo nos últimos anos? Há fatores

Força raivosa de Javier Milei excita Argentina

que apontam para outro caminho entre especialistas, característica também delineada por **A Vírgula** em abril deste ano: o tom emocional, substanciado pelo partido criado pelo próprio Javier, La Libertad Avanza, é a chave da questão.

A Argentina está em crise e, como aponta o cientista político argentino Eduardo Rivas, em entrevista exclusiva para A Vírgula (leia na página 8), ninguém fez nada até então para que essa crise fosse revertida; para que parte da população, mesmo empregada, não se encontrasse no desespero desumano da linha da pobreza.

Sem ação das forças políticas, o argentino cansou (principalmente do kirshnerismo) e Javier Milei gritou. Foi o famoso “disse o que todos queriam ouvir”. Outro fato relevante é que El Peluca foi eleito deputado nacional há dois anos, apenas sua primeira aventura política. Nunca houvera história, luta ou experiência.

“Isso também demonstra que o fenômeno Milei não é o catalisador de um projeto político, e sim a emergência de uma situação política em que um estranho diz aos eleitores o que eles esperam ouvir, apelando a um discurso emocional”, reforça Rivas.

Os eleitores argentinos culpam o atual poder e as gestões anteriores pela crise. O tom emocional da campanha chega à emoção de ódio. E Javier Milei desponta como favorito para as eleições em 22 de outubro.

■ ENTREVISTA

‘Milei representa o voto de quem já está descrente de tudo’

Milei conseguiu capitalizar a rejeição do resto da liderança política. Seu discurso contra as castas impacta profundamente os argentinos



Eduardo Rivas

Cientista político
argentino

'Milei representa o voto de quem já está descrente de tudo'

A VÍRGULA: Como você avalia a crise argentina dos últimos anos? Quais são os efeitos disso na economia e na sociedade do país?

EDUARDO RIVAS: A Argentina "não teve uma crise nos últimos anos"; a Argentina vive uma crise, o que tem impacto direto na sociedade e em seu comportamento. Diferentemente de outras oportunidades, neste caso, ocorre com a particularidade do peronismo no governo, o que a torna uma 'crise sui generis'. Historicamente, o peronismo foi quem distribuiu generosamente enquanto seus oponentes vinham restaurar a ordem após o desastre econômico. Nesta ocasião, o peronismo não distribui porque não há necessidade de distribuir, mas também não faz o que deve ser feito para superar a crise, o que gera desânimo e tristeza nas pessoas, embora, apesar de tudo, uma percentagem significativa, por amor ou por ódio, continua encontrando no peronismo e em seus candidatos o melhor lugar para depositar seus sonhos, muitas vezes de forma quase messiânica, ancorados no passado e não no futuro.

O governo do presidente Alberto Fernández cometeu erros em relação ao tratamento da dívida externa?

Não devemos nos esquecer que, apesar de ser chefiado por Alberto Fernández, seu governo contou com o apoio e incentivo de Cristina Kirchner, que o acompanha desde a vice-presidência da República. O governo

'Milei representa o voto de quem já está descrente de tudo'

de Fernández negociou um acordo com o Fundo Monetário Internacional que lhe permitiria modificar o acordo alcançado por Macri. No momento de ter o aval parlamentar para validá-lo, o bloco governista votou separadamente, embora garantindo a sua aprovação, e o apoio majoritário foi dado pela oposição. É claro que não foi um bom acordo, não só pelo que foi assinado, mas fundamentalmente porque a Argentina não fez o que deveria fazer. A Argentina e os argentinos preferem viver do brilho do passado em vez de assumir a sua realidade atual e agir em conformidade, portanto, para além do que é acordado e assinado, o problema central reside no que é feito. E ninguém quer fazer o que precisa ser feito.

Existe uma crise nas duas nostalgias político-ideológicas, liberal e peronista, que se revezaram no comando da Argentina desde meados do século XX? Haverá um ressurgimento do desejo dos militares de recuperar o poder político que sempre exerceram até a derrota na Guerra das Malvinas?

Uma das principais conquistas da democracia argentina é a compreensão e aceitação de que as crises são resolvidas dentro do quadro democrático. O que aconteceu em 2001 é uma boa prova disso. Neste contexto, as Forças Armadas não são uma opção real para quebrar o sistema democrático, fundamentalmente porque existem tendências eleitorais que representam os interesses que as Forças Armadas afirmavam defender.

'Milei representa o voto de quem já está descrente de tudo'

Na sua opinião, a rendição de governos que poderíamos qualificar de progressistas em relação às políticas de austeridade fiscal pode levar à perda de legitimidade e de representação social destes grupos, à semelhança do que aconteceu em vários países europeus?

Em primeiro lugar, não descreveria o governo argentino como progressista, pois, por exemplo, trouxe pobreza ao país para mais de 40% da sua população. Sim, por outro lado, é um governo que se autodenomina progressista e, portanto, uma grande parte dos cidadãos o considera como tal. Essa foi a principal derrota para nós que nos definimos como progressistas, perdemos as 'bandeiras' do progressismo e, neste contexto, 'naturalmente' a saída é para a direita. O cidadão comum pensa consigo mesmo: "se isto é progressismo e eu sou como sou, deixe surgir algo diferente do progressismo". Porém, não é apenas o ajuste fiscal que leva à perda de legitimidade e representatividade social dos grupos de apoio social; estou convencido de que a dissociação entre o que Milei chamou de 'casta política' e a cidadania é o que tirou o apoio do atual governo. Realidades como a comemoração do aniversário da esposa do presidente na Quinta Presidencial, em plena pandemia, com um grupo de amigos, enquanto os argentinos eram obrigados a ficar isolados por decreto assinado pelo próprio presidente, que participou do ágape, ou o imagens divulgadas no último final de semana com o então Chefe da Casa Civil da Província

'Milei representa o voto de quem já está descrente de tudo'

de Buenos Aires passeando pelo Mediterrâneo em um iate de luxo, com bens de luxo, junto com uma maquete, minam a credibilidade do governo e expõem que a realidade dos líderes não é a realidade dos dirigidos.



Javier Milei teve a sua primeira experiência política há menos de dois anos, quando foi eleito deputado nacional. Isso também demonstra que o fenômeno Milei não é o catalisador de um projeto político, e sim a emergência de uma situação política em que um estranho político diz aos eleitores o que eles esperam ouvir, apelando a um discurso emocional.



Que cenários o senhor prevê para o futuro da Argentina como nação, em termos de recuperação da sua plena capacidade econômica e de superação da gravíssima crise social e de desemprego que assola o país?

Como eu disse anteriormente, a Argentina vive uma crise constante que, nesta ocasião, não se manifesta numa crise de desemprego, algo que agrava a crise social. Por quê? Porque existe o paradoxo de ter trabalhadores pobres. Historicamente, a pobreza esteve associada à falta de trabalho, 'o trabalho dá dignidade' era a frase

'Milei representa o voto de quem já está descrente de tudo'

principal, hoje com uma taxa de desemprego de 6,2% (a Argentina em 2019, no início do governo Fernández, tinha uma taxa de desemprego de 8,9%). O trabalho não é mais digno. O desemprego caiu e a pobreza aumentou. Hoje não basta ter um emprego para ultrapassar a linha da pobreza. A cesta básica é de 284.686,95 pesos argentinos (R\$ 4.175) e o salário-mínimo é de 146 mil pesos (R\$ 2.141 reais), quase o dobro. Isso gera desânimo e mal-estar na população que vê o poder de compra escapando pelos dedos com a inflação acumulada em 2023 sendo de 80,2% e a inflação anual de 124,4%. Neste contexto, os cenários não são muitos. A Argentina tem que deixar de viver como pensa e começar a viver como é, para que no futuro, se tudo correr bem, possa viver como gostaria. E dos três candidatos que aparecem com maiores possibilidades há um que não o fez, Patricia Bullrich, do partido da oposição 'Juntos pela Mudança', que já foi governo de 2015 a 2019 e que diz que agora eles vão fazer o que disseram que iam fazer e não fizeram. Sergio Massa, do 'União pela Pátria', que atualmente é Ministro da Economia, não implementa o que diz que irá implementar a partir de dezembro, e quem diz que o fará, Javier Milei, do 'La Libertad Avanza', que lançou propostas disruptivas para sair da situação atual.

Como o povo argentino tem observado o crescimento de Milei e o apoio às suas propostas? Você acha que, se vencer, poderá incitar a extrema-direita na América

'Milei representa o voto de quem já está descrente de tudo'

Latina? Você acha que faz parte desta organização internacional de extrema-direita? Que semelhanças você aponta entre Milei e Bolsonaro? A extrema-direita no Brasil e na Argentina?

Na minha opinião, na Argentina não há crescimento da extrema-direita em termos ideológicos, embora haja um crescimento eleitoral de candidatos que estão neste extremo do espectro ideológico, o que não é o mesmo, e a curiosidade é que esse crescimento não ocorre devido ao apoio dos eleitores às propostas de Javier Milei, mas como um voto de descarte de sorte após descartar as outras opções. Ao perguntar aos eleitores sobre as propostas dos candidatos, de forma transversal, a maioria as desconhece, e conseqüentemente prevalece a imagem que os candidatos conseguem transmitir ao povo. E, neste contexto, Milei conseguiu capitalizar, primeiro como personagem colorido, e depois como opção válida, a rejeição do resto da liderança política. Seu discurso contra as castas impacta profundamente os argentinos que, após a sucessão de governos de diferentes matizes políticas, não veem horizonte melhor. É por isso que os pontos em comum entre Milei, que se afirma liberal, e os partidos políticos de extrema-direita do mundo, não vão além da rejeição do *status quo*, embora, curiosamente, apesar dessa rejeição, utilizem parte dele para seu próprio benefício, quer em países com um sistema parlamentar, apoiando candidatos da 'casta', quer em países presidenciais que alcançam acordos subnacionais com representantes dela.

'Milei representa o voto de quem já está descrente de tudo'

Em relação a Bolsonaro, há uma diferença central. Jair Bolsonaro foi deputado federal por 29 anos antes de se tornar presidente da República, e já havia sido vereador; aos olhos de Milei, ele faria parte da casta. Javier Milei, por sua vez, teve a sua primeira experiência política há menos de dois anos, quando foi eleito deputado nacional. Isso também demonstra que o fenômeno Milei não é o catalisador de um projeto político, e sim a emergência de uma situação política em que um estranho político diz aos eleitores o que eles esperam ouvir, apelando a um discurso emocional. Javier Milei não canaliza o voto da direita argentina, além de esses setores políticos assistirem que depois de muito tempo voltam a ter um fluxo eleitoral significativo. Milei canaliza o chamado voto raivoso, que em 2001 foi expresso no 'deixe-os ir embora'. Ele canaliza o voto de quem já está descrente de tudo e está convencido de que não poderia ser pior, embora, paradoxalmente, se Javier Milei vencer as eleições, a Argentina será pior.



A VÍRGULA #075

Boletim com curadoria de notícias feito por
Fernando Carreiro

Imagem Comunicação Inteligência

*com análise de cenários, ensaios e
tendências para você não errar
na interpretação dos fatos políticos.*

**Com pesquisa e
colaboração de Felipe Izar.**



Fernando Carreiro, 38, é jornalista e
consultor especializado em imagem,
reputação, gerenciamento de
crises e estratégia política.

Confira todo nosso acervo em
www.fernandocarreiro.com.br/avirgula

fernando **carreiro,**
imagem comunicação *inteligência*
faz diferença

10
ANOS